

ECOS DE LEITURAS: DO ESQUECIDO ADHERBAL DE CARVALHO, *A NOIVA*

NORMA WIMMER*

RESUMO: O Naturalismo tal como era praticado na França despertou o interesse de grande número de seguidores no Brasil. Este fato parece ter ocorrido porque, por um lado, o espírito romântico, entre nós associado ao próprio regime monárquico, parecia ver esgotadas suas fontes de inspiração; por outro, o “moderno” espírito científico, associado ao pensamento republicano foi, aos poucos, impulsionando a produção artística de modo geral, e particularmente, a literária, para outra direção: era essencial a observação rigorosa dos fatos, a apresentação da “verdade”. Dentre os autores brasileiros que buscaram seguir a nova tendência divulgada por Zola e seu romance experimental, muitos foram relegados ao esquecimento. É o caso, por exemplo, de Adherbal de Carvalho que, além de estudos críticos, poesias e traduções publicou, em 1888, em São Paulo, *A Noiva* – esboço de um romance naturalista - seu único texto de ficção em prosa. Pouquíssimo se fala, em nossos dias, sobre esse romance e dele sobrevivem apenas raros exemplares. O objetivo do trabalho aqui apresentado é o de resgatar o texto de Carvalho e de nele situar ecos do naturalismo tal como o praticava Zola, bem como o de resgatar memórias da leitura de obras de outros autores como Flaubert e Dumas.

PALAVRAS-CHAVE: Adherbal de Carvalho; *A Noiva*; Naturalismo brasileiro.

ABSTRACT: Naturalism, as it was practiced in France, aroused the interest of a great number of followers in Brazil. This fact seems to have occurred because, on the one hand, the romantic spirit, associated in Brazil to the monarchic regime itself, seemed to have its sources of inspiration exhausted; on the other hand, the “modern” scientific spirit, associated to the republican thought, was gradually pushing the artistic production in general, and particularly the literary one, in another direction: the rigorous observation of facts, the presentation of the “truth” was essential. Among the Brazilian authors who tried to follow the new trend disseminated by Zola and his experimental novel, many were relegated to oblivion. This is the case, for example, of Adherbal de Carvalho who, besides critical studies, poetry and translations published, in 1888, in São Paulo, *The Bride (A Noiva)* - sketch of a naturalistic novel - his only prose fiction. Very little is said, nowadays, about this novel and only rare copies of it still survive. The purpose of the work presented here is to recover Carvalho’s text and to locate in it echoes of naturalism as practiced by Zola, as well as to recover reading memories of the works of other authors such as Flaubert and Dumas.

KEYWORDS: Adherbal de Carvalho; *The Bride*; Brazilian Naturalism

* Professora Livre-docente do Departamento de Letras Modernas da Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” – Ibilce - UNESP – São José do Rio Preto – SP – Brasil – E-mail: wimmer@ibilce.unesp.br.

Adherbal de Carvalho (ou Karvalho, conforme aparece grafado no Prefácio de *A Noiva*) nasceu e morreu em Niterói: nasceu em 1869; morreu em 1915. Formou-se em direito, no Recife. Foi jurista, jornalista e escritor; escreveu poemas, recolhidos em *Efêmeras* (1894) e *Versos de um diletante* (1911); traduziu, do alemão, as obras de Rudolf von Ihering. Fez crítica literária e publicou um romance, apenas. Sua produção, assim como a de tantos outros literatos do final do século XIX e início do século XX – Virgílio Brígido, Thomaz Alves Filho, Carneiro Vilela, Ferreira da Rosa, Horácio de Carvalho, Pardal Mallet, Canto e Mello – acabou excluída do cânone e vem sendo, atualmente e, aos poucos, resgatada.

Adherbal de Carvalho foi entusiasta do Naturalismo, movimento cuja origem literária, no Brasil, remete ao movimento estético desenvolvido na Europa, em Portugal e na França, particularmente. O Naturalismo agregou escritores cujo intento era representar fielmente a realidade; para tanto, estes lançaram mão de determinadas fórmulas, da mesma maneira como o faziam os cientistas. Na França, o grande expoente do movimento foi Émile Zola; antecedido por Flaubert (a quem o processo contra *Madame Bovary*¹ deu notoriedade) e pelos irmãos Goncourt (que haviam realizado um estudo sobre a degradação humana em *Germinie Lacerteux*²). Zola distingue-se pelo planejamento de uma obra extensa e pela absoluta fidelidade a ele; seu objetivo foi o de apresentar ao leitor uma construção literária monumental, chocante e sólida em sua base científica: *Les Rougon-Macquart. Histoire naturelle et sociale d'une famille sous le Second Empire*. Os vinte volumes que a compõem foram impressos entre 1871 e 1893 e neles é analisada a questão das marcas da hereditariedade, do meio e do momento sobre cinco gerações da mesma família, originária da fictícia Plassans. O núcleo inicial forma-se em torno da Adelaïde Fouque, com predisposição à loucura, de seu marido Rougon e, depois, de seu amante Macquart, alcoólatra. A descrição do processo de composição seguido por Zola aparece em *Le roman expérimental* (1880).

Para escrever sua obra, Zola valeu-se das ideias de Darwin, no campo dos estudos das ciências naturais, das de Claude Bernard referentes à psicologia e à fisiologia e do método experimental de Taine, que pretendia submeter o saber ao campo da experimentação. Ao arcabouço científico, Zola acrescentou a pesquisa detalhada dos ambientes a serem tratados nos romances. Desta junção surgiram tipos inteiramente dominados por suas moléstias nervosas e por seu sangue. Considerando o determinismo do meio e da hereditariedade, Zola representou a história das trinta e duas personagens aparentadas entre si, visando revelar o mecanismo desencadeador de sua ação. O Naturalismo dominou o campo literário francês da segunda metade do século XIX e difundiu-se pela Europa; teve também grande aceitação entre os intelectuais do Brasil.

Na produção literária do Brasil, o Naturalismo foi oficialmente iniciado com a publicação de *O Mulato*, de Aluísio Azevedo, em 1881, e o movimento teria seguido a orientação teórico-estética do movimento europeu.³ O início da produção literária naturalista brasileira,

¹ 1857

² 1865

³ Alguns críticos, como Araripe Júnior e Nelson Werneck Sodré, julgam que *O Mulato* carece de caracterização naturalista, sendo um híbrido de Naturalismo e Realismo, muito mais acentuado na 1ª edição, a de 1881, do que

portanto, remete à penúltima década do século XIX, marcada pela Abolição da Escravatura e pela Proclamação da República. Importa, ainda, observar que os anos iniciais do regime republicano se caracterizaram pelo crescimento da pequena burguesia nos centros urbanos, assim como pela crescente influência desta classe social nas letras, na imprensa, nas escolas superiores e mesmo na política. Acompanham as novas ideias, além do Rio de Janeiro, outros centros de renovação: Recife, São Luís e Fortaleza - cidade na qual a inquietação literária levou à criação de uma Academia Francesa de Letras, do Gabinete Cearense de Leitura, do Clube Literário (grande propagador do Naturalismo na literatura).

O romance *A Noiva* foi publicado em São Paulo, em 1888, por Felinto Oliveira e pelo Dr. Brazílio e colocado à venda na Livraria do Povo, no Rio de Janeiro. A filiação ao Naturalismo evidencia-se no subtítulo: *Escorço de um romance naturalista*; o acréscimo ao título parece sugerir também uma futura retomada da produção romanesca de cunho naturalista. Entretanto, nenhum outro romance foi publicado pelo autor. No Prefácio consta que o trabalho de escrita teria sido realizado às pressas, em cerca de trinta dias: poderiam testemunhá-lo muitos colegas, companheiros do escritor; que pouca idade tinha no momento da publicação, apenas vinte anos. O texto é dedicado a João Felinto Torinho de Oliveira: seria esse o mesmo Felinto de Oliveira, seu editor?

A crítica faz poucas alusões ao romance de Adherbal de Carvalho; de sua recepção não temos notícias. Da *Noiva*, raros exemplares sobreviveram ao tempo: existem dois, localizados no acervo do Real Gabinete Português de Leitura, no Rio de Janeiro. No tocante à produção crítica de Adherbal de Carvalho, chegou até nós um compêndio de artigos intitulado *O Naturalismo no Brasil*, datado de 1894 e publicado no Maranhão pela Livraria Contemporânea. O escrito foi reeditado em 1902 pelo livreiro Garnier, no Rio de Janeiro, e inserido em um volume intitulado *Esboços literários*. Nesta segunda edição, no que diz respeito à crítica literária, seguem *O teatro brasileiro de relance*, *A lei da razão no Teatro*, *O Norte literário em 1895*. Os textos que compõem os *Esboços* foram redigidos, inicialmente, para o periódico *A Pacotilha*, de São Luís e referem-se, todos, ao que o autor designa “romance moderno”. São consideradas “modernas” as obras de Balzac, Stendhal, Flaubert, por exemplo, e, dentre as de autores brasileiros, as de Aluísio Azevedo, assim como os escritos de Celso Magalhães (*Um estudo de temperamento*⁴), Marques de Carvalho (*Hortênsia*⁵), José Veríssimo (*Cenas da vida amazônica*⁶), Horácio de Carvalho (*O Chromo*⁷), Domício da Gama (*Contos a meia tinta*⁸) e os de Raul Pompeia. Na opinião do autor de *A Noiva*, o centro das letras brasileiras era, efetivamente, o Rio de Janeiro, a partir de onde eram irradiadas não apenas as novas teorias científicas, filosóficas, literárias, mas também

nos textos refundidos que se seguiram.

⁴ 1870

⁵ 1888

⁶ 1899

⁷ 1888

⁸ 1891

as ideias de mudança de regime político⁹; todas as novas ideias, enfim.

No que diz respeito à produção literária, Carvalho julgava, como Zola, ou a partir de Zola, que o romancista naturalista deveria ser um observador; antes de escrever, ele deveria elaborar uma quantidade de notas, de pequenos fatos, estudar documentos sobre documentos e, finalmente, submeter seu trabalho à retorta da experimentação. O romance de filiação naturalista seria, em sua opinião também, um produto do determinismo literário que tudo buscava esmiuçar, decompor e analisar, visando representar a verdade das paisagens, das cidades, da vida, sem omitir o lado ruim, pobre e infecto da sociedade. Nesse sentido, convém ainda insistir em que assim como o Romantismo constituiu o meio próprio de expressão do Romantismo, o Naturalismo deveria ser o meio de expressão da decadência burguesa. Ao cansaço pela monumentalidade romântica estaria oposta a monotonia naturalista com suas repetições, seu esquematismo, sua pobreza de meios e sua construção fundamentada em suportes científicos, isto é, em teorias da ciência. Porque divulgava esses princípios, a obra de Zola, na opinião de Carvalho, agradava e angariava adeptos também fora da França, também no Brasil.

A *Noiva* narra a história de Lili, Elisa, filha do rico comendador Lucas Guimarães Fonseca. O romance abre-se com a descrição de uma festa oferecida na mansão do Comendador para comemorar, em uma noite de fevereiro de 1875, o noivado de Lili com o Dr. Oscar de Almeida. O título do romance remete justamente a esse noivado, desfeito. A abertura constitui o ponto de partida para o *flashback* de que é formada grande parte da narrativa de *A Noiva* e sugere as longas descrições características do início dos romances de Balzac, por exemplo. O objetivo, no caso do romancista francês, era o de inventariar o ambiente no qual seriam inseridos os personagens e dos quais eles próprios seriam o reflexo. O narrador de *A Noiva* também descreve a riqueza dos móveis do salão, o bom gosto da decoração - cortinas, enfeites, quadros, lustres - com o objetivo, muito claro, de enfatizar a riqueza do Comendador. Depois, são introduzidas as personagens: “Seu” Oscar, “deslumbrante, sentado a um lado, em uma das cadeiras de estufo acetinado com as pernas entrecruzadas, a bengala apoiada em uma das mãos e a cartola na outra...”¹⁰; Dona Pulcheria, mãe de Lili, “uma senhora baixa, nariz um tanto grosso, olhos amortecidos, pele flácida, trajando um vestido cor de linho todo listrado e branco”¹¹. Finalmente, aparece a protagonista Lili, “uma rapariguita loira, olhos castanhos, que destacavam-se como esmaltes no azul esclerótico das suas pupilas inquiridoras e grandes; um corpo adelgado e chic”.¹² Quanto ao Comendador, este era negociante de café e auferira muitos lucros; viera de Portugal aos doze anos. Usava grandes suíças, bigode raspado, chapéu do Chile e andava sempre em mangas de camisa. Para trazer informações acerca da formação de Lili, o narrador oferece dados referentes à sua educação: “A educação que tivera Lili era uma espécie de castração moral, uma anestesia psíquica

⁹ É preciso destacar que esse era o pensamento de Adherbal de Carvalho e que suas ideias podem ser contestadas, se cotejadas com a História Oficial.

¹⁰ *A Noiva*. Escorço de romance naturalista. São Paulo: Felinto de Oliveira e Dr. Brazilio. 1888. p. 17

¹¹ *Idem* p. 20.

¹² *Idem* p. 20-21.

de seu todo, contra a qual a própria liberdade física e moral protestava”¹³. Deu enormes trabalhos a seus pais para obter “uma educação esmerilhada como uma jóia”¹⁴; era uma moça afeita às novidades da moda e aos caprichos da “mais requintada coquetterie”¹⁵ do mundo elegante da época. Estudou em vários colégios, teve vários professores; na escola de Mme Chaudron, sob a orientação de uma professora “magra e clorótica,”¹⁶ realizou leituras de obras de Racine, Villemain, Chateaubriand.¹⁷ Como apreciava romances, leu, mais tarde, e às ocultas, como Emma Bovary, livros de Paulo de Paul de Kok, Émile Zola e Eça de Queiroz, que lhe segregavam, “no pensamento, ideias de requintadas luxúrias”¹⁸; também se mostrou interessadíssima por ler, no futuro, *A Carne* (1888)¹⁹, de Júlio Ribeiro, tendo a leitura de *O Homem* (1887) a levado a um “delíquio espasmódico de sensualidade”²⁰, ao qual se segue uma cena de masturbação.

O narrador de *A Noiva* ainda apresenta seguindo, possivelmente, os passos de Flaubert no que diz respeito à influência das leituras sobre os temperamentos e sobre as aspirações das personagens, a figura de Lucrecia, amiga de Lili, propensa por sua fisiologia à loucura. Tratava-se de uma moça “linfática e magra (...) dotada de um organismo irresistível às loquacidades intermitentes e de um temperamento spleenético e sensual”²¹. Lucrecia perturbou-se com a leitura de *A Dama das Camélias* (1848), de Alexandre Dumas Filho; quando chegou ao final do romance, ficou sobre-excitada, convulsionada; depois disso, passou a monologar aflita, passeando pelo quarto, tomada de delírios. Se alguém se aproximava dela, ela – “com as narinas dilatadas, pelo cansaço, a boca semiaberta, com olhos estrábicos de eletricidade, o rosto congestionado, ficava num resfolegar contínuo de besta extenuada, demonstrando indícios veementes de uma forte contrariedade, e caía num solilóquio nervoso...”²² Lucrecia ficou louca, acabou no hospício, onde morreu. Se a concepção desta personagem relembra o percurso de Emma Bovary, entediada, agitada e perturbada em decorrência de uma visão de mundo distorcida, desencadeada, em seu imaginário, pela leitura dos autores românticos, a loucura da personagem de Carvalho sugere um passo adiante em direção ao cientificismo naturalista: a loucura despertada pela leitura da obra de Dumas ocorre, em Lucrecia, principalmente como consequência de sua fisiologia; o vocabulário científico empregado para a caracterização das fases de sua doença retoma o repertório das patologias e o vocabulário de cunho científico, comum aos romances naturalistas.

Porque gostava muito de festas e de esbanjar dinheiro, o Comendador, pai de Lili,

¹³ Id. Ibid.

¹⁴ Id. p. 33.

¹⁵ Id. Ibid.

¹⁶ Id. p. 41.

¹⁷ Também Emma Bovary tinha lido, no pensionato das freiras ursulinas, *O Gênio do Cristianismo*, de Chateaubriand.

¹⁸ Id. p. 109.

¹⁹ Observe-se que o romance *A Noiva* também foi publicado em 1888. Há, portanto, grande proximidade entre as publicações.

²⁰ Id. p. 136.

²¹ id. p. 86-87.

²² Id. p. 99-100.

assumiu muitas dívidas e, insolvente, viu-se obrigado a declarar falência; foi tentar refazer fortuna em São Paulo, onde passou a morar em uma pensão barata, na Rua Florêncio de Abreu. Nesse momento da narrativa estamos, cronologicamente distantes da noite de 1875, fato que pode ser depreendido pela sequência narrativa dos eventos ocorridos. Em São Paulo, o Pai de Lili quer poupar dinheiro, refazer sua fortuna, entretanto, nada consegue. Acaba por suicidar-se. Em uma casa de ferragens compra ácido oxálico; dissolve-o com um pouco de água e ingere o produto ao retornar a seu quarto. A descrição que se segue, então, sugere, novamente, uma passagem de *Madame Bovary*, a da representação do envenenamento de Emma. Como a personagem de Flaubert, o Comendador sofre terríveis dores, lança gritos excruciantes, arrepende-se; chamam um médico, mas nada pode mais ser feito. Os efeitos do envenenamento sobre o organismo também servem ao narrador de *A Noiva* como pretexto para tratar de temas de caráter médico-científico: o suicídio em si mesmo, fato sobre o qual discorre o pensionista estudante de medicina, companheiro do Comendador, e os efeitos do ácido oxálico sobre o organismo. O sepultamento do suicida, informa o narrador, foi simples; ao Cemitério da Consolação compareceram pouquíssimas pessoas, entre elas dois estudantes da pensão: Tito Otávio e Bartholomeu Pedrito. Esse sepultamento tão ignorado, tão pobre; a presença dos dois estudantes e a cena final²³ - não deixam de sugerir o enterro do Père Goriot, no romance homônimo de Balzac.²⁴ Convém acrescentar, ainda, que a presença do personagem estudante de medicina, Bartholomeu, em conversas com o comendador, trata não apenas do tema do suicídio, por ele introduzido no texto, mas também das ideias de Hume, Locke, Holbein, Gall, Comte, Cabanis, Schopenhauer, Hartmann dentre outros. Suas falas constituem pretexto para o narrador pincelar o romance com ideias tomadas a de sábios conhecidos e, então, em voga.

Empobrecida, Lili vai parar na casa do Senador Villaça, trabalhar como professora de piano de suas três filhas; o Dr. Oscar, ao sabê-la pobre, rompe o noivado por meio de uma carta muito insultuosa e atrevida na qual afirmava que ela não passava de “Filha de um galego, muito ordinário e demais ladrão”²⁵. Dona Pulcheria teve ataques e acaba tendo de se empregar; vai trabalhar na casa do cônsul francês. Em casa do Senador, Lili compromete-se a casar com o filho do político; o namoro dura muito tempo e, antes do casamento, ela engravida. Seu Villacinha foi ser chefe de medição de terras em Minas Gerais e, depois, no Rio Grande do Sul. Lili tem seu filho; o senador a pede em casamento, é nomeado barão e, um ano depois “estava Lili baronesa, esquecera-se de todos e tornara-se demasiado orgulhosa”²⁶.

As personagens protagonistas de *A Noiva* representam a burguesia carioca. Entretanto, buscando adaptar-se à proposta naturalista, o romance representa também tipos tomados às

23 ‘Ao depositar do caixão no carneiro nº 247, todos puseram com a mão uma pouca de cal, retirando-se após. O seu Bartolomeu atirou-lhe a cal dizendo; ”dorme comendador, pobre homem”. E seu Tito, num sinal autoritário de uma filosofia puramente materialista lançou-lhe a cal dizendo: - consuma esta carne que foi de um bom homem, de um bom amigo; depois virando-se para seu colega Bartholomeu e apontando com o dedo máximo da mão direita para a cova, exclamou: - ‘Poeta do amor e da saudade!’ *A Noiva*. Felinto de Oliveira e Dr. Brazílio, 1888. p. 179.

24 Le Père Goriot; Paris: Grasset, 1835.

25 *A Noiva*. p. 170.

26 *A Noiva*. p.193.

camadas populares e situações de seu cotidiano. Assim, sob o olhar de Lili, e através da janela de seu quarto, vemos padeiros em manga de camisa acompanhados por negros carregando cestas com pão; italianos descalços vendendo hortaliças; carroças de lixo puxadas por burros; raparigas mulatas saindo às compras; a taverna do português defronte à casa e bondes: uns abertos e vazios e outros, fechados (designados “caraduras” na gíria da época) e lotados com trabalhadores. O narrador também faz alusão ao desamor da babá pela protagonista: “uma mulatinha de quatorze anos que a carregava todo dia:- esta chorona de uma figa, que está só me mijando, dizia, fazendo uma careta horrorosa”²⁷ Estamos, portanto, bastante distantes das amas dedicadas dos romances românticos.

Foi intenção explícita de Adherbal de Carvalho publicar um romance naturalista; isso no mesmo ano em que Júlio Ribeiro publica *A Carne* (1888) e pouco depois de Aluísio Azevedo ter publicado *O Homem* (1887). O ideal do romancista parece também ter sido o de seguir os preceitos de Zola: entretanto, com sua pouca idade no momento da publicação de *A Noiva*, e no curto tempo empregado para sua redação, não lhe teria sido possível realizar uma construção monumental como a da obra do romancista francês. É preciso ainda considerar que o último volume da série dos Rougon-Macquart, *Le Docteur Pascal*, data de 1893, ou seja, remete a um momento posterior à publicação de *A Noiva*. Nesse sentido, o romance de nosso escritor constituiu, em nosso meio literário, efetivamente, uma novidade.

As reminiscências de leituras das obras de Balzac, Flaubert, Aluísio Azevedo, Alexandre Dumas Fils deixam-se entrever em *A Noiva*, e correspondem, por um lado, a opiniões do narrador acerca das leituras e de seu efeito sobre as frágeis personalidades das mocinhas sonhadoras; por outro, elas ressoam nas considerações do narrador onisciente. Lucrécia, em decorrência de sua compleição física, de seu “erotismo famélico”²⁸, acabou louca, loucura desencadeada pela leitura de *A Dama das Camélias*; Lili, teve “delíquios espasmódicos de sensualidade”²⁹, após ler *O Homem*. Descrições dos ambientes ou a narração do sepultamento do Comendador à maneira de Balzac; a narração referente à educação da protagonista ou a da agonia do Comendador após a ingestão do veneno, à maneira de Flaubert, sugerem também o entusiasmo de Carvalho pelo realismo característico dos dois romancistas franceses. A Zola remete, possivelmente, a incorporação, no romance, do jargão científico usado pelos naturalistas bem como a presença de personagens sujeitas, por sua fisiologia, à loucura, aos desvarios, à sexualidade exacerbada, à histeria. A proposta literária de Carvalho parece também estar vinculada à inserção de personagens tomadas às classes populares, aos trabalhadores, aos malandros, aos desabrigados. Quanto a Aluísio Azevedo, sua obra sugere o modelo brasileiro bem-sucedido, decorrente da aclimação, no Brasil, das novas tendências estéticas. Finalmente, permanece em *A Noiva*, ainda, uma intriga cheia de percalços, ecos possíveis do não distante romantismo; por outro lado, ainda no que diz respeito a Zola e ao sentido trágico de romances nos quais não se apresenta nenhuma escapatória para a inexorabilidade das leis da hereditariedade e do meio, o final de *A noiva* aponta que, passado o tempo das agruras, Lili será “muito feliz”.

²⁷ *A Noiva*. Escorço de romance naturalista. p. 32.

²⁸ *A Noiva*. Escorço de romance naturalista. p. 92

²⁹ *A Noiva*. Escorço de romance naturalista. p. 134.

Adherbal de Carvalho, como romancista, acabou pouco lembrado. Sua *Noiva*, no entanto, revela-nos um momento muito preciso da nossa história literária e, certamente, a publicação de seu romance terá contribuído para o surgimento de outros, posteriores e de maior sucesso.

WIMMER, N. Echos of readings: from the forgotten Adherbal de Carvalho, *The Bride*. *Olho d'água*, v. 13, n. 2, p. 37-44, 2021.

Referências

CARVALHO, A. *A Noiva*. Escorço de romance naturalista. São Paulo: Felinto de Oliveira e Dr. Brazilio. 1888.

CARVALHO, A. *Esboços Literários*. Rio de Janeiro: Garnier, 1902.

AZEVEDO, A. *O surgimento do Naturalismo na Literatura brasileira*. Rio de Janeiro: Vozes, 2017.

BROCA, B. *Naturalistas, Parnasianos e Decadistas: Vida literária do Realismo ao Pré-Modernismo*. Campinas: Editora da UNICAMP, 1991.

BROCA, B. *A Vida Literária no Brasil – 1900*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1975.

ROMERO, S. *O Naturalismo em Literatura*. São Paulo: Tipografia da Província de São Paulo, 1882.

Recebido em 03/05/2021

Aceito em 02/06/2021